

ripárga e, quando há crise, é ela que fica mais afectada. Até porque a sociedade defende mais os homens neste aspecto.

JL - As últimas palavras do livro são do cineasta americano Hal Hartley (não há aventura nem romance, apenas inquietações e desejos)...

DS - Este é um livro muito inquieto e eu próprio estive inquieto enquanto o escrevi. Isolou-me em Guimarães. É que agora tenho netos. Não sabia - conheste-me muito jovem, mas tenho três filhos, dois deles casados, e três netos, o mais velho dos quais ainda não fez três anos. Estão muito em minha casa, gosto muito de ser avô, mas para crescer com eles ao pé não é fácil. Fui então para um sector isolado da casa de um primo, em Guimarães, e as personagens tomaram conta de mim. Até porque neste livro escreve-se o romance que não houve entre aqueles dois jovens (Sónia e Miguel): a parte mais bonita do amor ficou submersa pala tração, o ciúme, o gozo perverso dele. Houve desejo, mas a parte afectiva ficou encoberta por esses sentimentos negativos.

JL - Desde 1999 que os teus livros estão a uma passo da ficção. Quando dás o salto para o romance?

DS - Devolve a pergunta ao chefe de redacção do JL: tu, que lês muito, achas que posso fazer isso?

JL - Acho que sim. Falo por mim: devorei o teu último livro de um dia para o outro, no autocarro, no metro, à noite na cama, até ao almoço. E, logo a seguir, reli o anterior, ao mesmo ritmo. Embora angustiadíssimo com as histórias, fiquei agarrado.

DS - Pois, mas é justo que eu fale também dos meus medos, já que falo dos dos outros. Tenho medo de dar o passo para o romance. Um romance implica um trabalho sobre a escrita e uma disponibilidade muito maiores. Tenho medo e, ao mesmo tempo, tenho desejo de dar esse salto. Mas não garanto que o vá fazer. Nem de ser capaz de o fazer.

JL - Desde que sabem que o teu irmão é o Presidente da República os teus doentes olham para ti de outra maneira? Ou nem sabem do parentesco?

DS - Todos sabem. Aliás desde que apareci numa campanha eleitoral (a primeira, contra o Cavaco; aliás a única, porque a segunda nem campanha foi) as pessoas identificaram-nos muito. Mas, a nível da relação terapêutica mais profunda, o parentesco não tem a menor importância. Apenas em termos superficiais, porque há pessoas que gostam de dizer que se tratam com o irmão do Presidente. Devem achar que tenho um poder (de influência) que não tenho. Aliás, não tenho nenhum. Acho é que o Presidente da República devia ter mais poder do que aquele que tem.

## JOSÉ MIGUEL RAMOS DE ALMEIDA

# Ler, escrever e contar... histórias

**U**m grande senhor... Um daqueles cujo porte, cujo olhar, cujo sorriso, cuja palavra, logo, de tal modo, de imediato, nos cativam, que nos apetece colocarmos, por assim dizer, nas suas mãos - fora ele médico. Acontece que é José Miguel Ramos de Almeida há 48 anos que se licenciou em Medicina pela Universidade de Lisboa. Na adolescência sonhava ser oficial de Marinha, mas o tio Valdemiro achou que não, que de bata, do alto do seu metro e 82, o Zé Miguel ficava «mais chiques», e ele enveredou pela Medicina. Com a ideia de vir a ser cirurgião. Até que... Até que, já no internato hospitalar, lhe nasceu o primeiro filho, e

ele... decidiu-se pela Pediatria, especialidade de que é hoje figura cimeira em Portugal.

O currículo atesta-o, pomenorizasse-o eu aqui e lá se ia o espaço de que disponho para este breve perfil. Sugiro, pois, que, para o efeito, passe o leitor os olhos pelas badanas de *Do Sótão das Memórias*, de J.M. Ramos de Almeida, ficará do currículo do autor a saber o essencial. Tem tudo a ganhar, porque, as badanas são a antecâmara de um livro lindíssimo (ver caixa) que, decerto, não resistirá a levar para casa, e lê-lo é um bálsamo.

Até lá, até que o leitor se delicie com as memórias do «sótão» de Ramos de Almeida, sempre direi que o médico que, ao ter o primeiro filho se decidiu passar o resto da vida a tratar os filhos dos outros, fez, da base ao topo, toda

a carreira do internato hospitalar. Que atingiu, aos 40 anos, com a direcção do Serviço de Pediatria da Maternidade Alfredo da Costa, cargo que ocupou durante duas décadas (1975-96). E seria já como director de serviços que se decidiu, em paralelo, pela carreira académica. Nas provas de doutoramento, o júri quis saber por que «só agora» (aos 57 anos) Ramos de Almeida defendia tese. José Miguel respondeu-lhe: «Porque até agora estive a fazer o vosso trabalho». E foi como se dissesse, sem papas na língua, que um médico, antes de ensinar os outros, deve praticar. Aprovado neste exame, num ápice, Ramos de Almeida levou de vencida todos os outros graus académicos, chegando a catedrático da Faculdade de Ciências Médica da Universidade Nova de Lisboa.

## Um livro da sabedoria

Uma chamada de atenção, não mais, o que se segue sobre um livro a que me apetece chamar da sabedoria. Porque, num certo sentido, *Do Sótão das Memórias*, (ed. Grifo, 205 págs., 20), de J.M. Ramos de Almeida, é um livro de um sábio. Não pela erudição que ostenta, mas pela cultura que revela e que tem a ver não com um somatório de conhecimentos, mas com a assimilação de um modo - estóico - de ver a vida. Livro de memórias, mas não no conceito tradicional do termo, esta obra de Ramos de Almeida é um conjunto de fragmentos, a que a escrita coloquial e a serenidade da senectude, conferem uma unidade harmónica. Assim como se um adulto, já avô, fosse um dia à arca onde arrecadou os brinquedos da sua infância e, posando os olhos neles, os contemplasse e a si próprio, encontrando no seu retrospectivo olhar um sentido para a vida.

Livro de um médico, pediatra com quase meio século de clínica activa, período durante o qual tratou muitos milhares de crianças, *Do Sótão das Memórias*, se, inevitavelmente, refere a actividade profissional do seu autor, a tal não se limita. Longe disso, Da infância donada em Carcavelos à experiência da Guerra Colonial, das viagens pela Europa aos estágios hospitalares na América, da música à lit-



DESENHO DE JOÃO ABEL MANTA ALUSIVO À ACTIVIDADE DE RAMOS DE ALMEIDA COMO CHEFE DO SERVIÇO DE PEDIATRIA DA MATERNIDADE ALFREDO DA COSTA

ratura, passando pelos automóveis, de tudo isto (e muito mais) Ramos de Almeida nos diz, e sempre com um dizer de tal modo encantatório que, lido que seja sem parar, o livro nos sabe a pouco. Mesmo quando, através da sua leitura, ficamos a saber das dores maiores deste homem (ver texto principal), pelas quais a alma lhe estará para sempre de luto.

O que não o impede de continuar a viver - e a exercer a medicina, seu único modo de vida sempre - com paixão. E com a consciência de que a vida, feita de «algumas esporádicas alegrias, logo apagadas por desgostos inesquecíveis», é transitória. Como tudo, «em todos os tempos e em todos os lugares». Conclusão que não impede Ramos de Almeida de assumir como suas estas palavras, de outro médico de referência, João dos Santos: «Só o autoconhecimento, permitindo a reconciliação da criança que fomos

com a que em nós continua a habitar, nos torna melhores». Obra memorial, *Do Sótão das Memórias* é um livro circular. Sem que, se o soubermos ler, se feche, ainda assim, sobre si próprio. Porque cada uma das suas páginas, mesmo se aberta para o passado, é para o futuro que aponta. E, centradas, todas elas, sobre a vida do autor, tais páginas são, para quem as ler, uma lição de vida. Sublime!



Uma nova moeda,  
a confiança de sempre

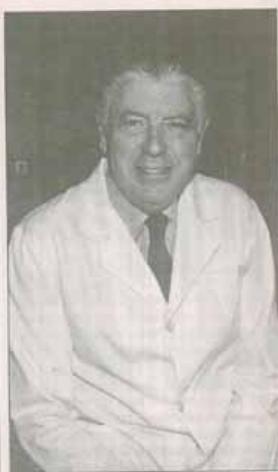
Desde 1 de Janeiro o Euro é uma realidade. A nova moeda trouxe algumas mudanças ao quotidiano dos portugueses. O apoio que a CGD sempre deu aos seus Clientes e motivo para que esta mudança seja encarada com optimismo. Nas mais diversas situações a Caixa Geral de Depósitos e os seus Clientes estão juntos no Euro. Com a confiança de sempre.



Caixa Geral  
de Depósitos

Linha Euro: 21 882 28 48

Caixa Geral de Depósitos - 21 790 93 00


**JOSÉ MIGUEL RAMOS DE ALMEIDA: A VANTAGEM DE, CEDO, TER LIDO OS CLÁSSICOS**

Médica da Universidade Nova de Lisboa. De qualquer modo, quando agora o ouço, na acolhedora sala do seu consultório da Avenida Miguel Bombarda, fico com a ideia (talvez errônea) que Ramos de Almeida, às aulas da Faculdade, preferiu sempre o contacto directo com o doente. E tantos têm sido os que acompanharam que hoje 30% dos miúdos que recebe no consultório são filhos (ou mesmo netos) dos que já lá foram como crianças, fruto de uma clínica exercida sem interrupção desde 1959 (ou mesmo antes, se contarmos com os estágios em hospitais pediátricos de Toronto, Boston e Nova Iorque, que frequentou como bolsista).

«Gostaria de reunir todas as mães que aqui vieram, ouvir-lhes as histórias e escrever outro livro» — diz-me, quando lhe pergunto se o seu sócio de memórias se esgotou com este, publicado em Junho. Não será fácil. Mais fácil será outro (vago) projecto que tem, dizer, para o gravador, algumas «dolorosas memórias» da sua vida. Adivinho quais serão duas dessas memórias, ao vê-lo, comovido, quase até às lágrimas, falar do seu padrasto, Fernando de Abranches Ferrão, e do seu filho, Miguel, ambos falecidos, e percebe que tais mortes como que lhe amputaram parte do passado e parte do futuro.

Talvez por isso, Ramos de Almeida diga de si que vive, hoje, como um «eremita», um «sanctoretto». Aposentado do hospital e da Faculdade, mantém, todavia, o consultório activo três tardes por semana («são as minha melhores tardes, pelo contacto com esta gente que me trata muito bem»), recolhendo-se no resto a casa («adoro estar em minha casa»). Fundamentalmente a ler: «O meu professor primário foi José Maria Eça de Queirós» — afirma, com graça, revelando que cedo teve a sorte de poder frequentar as bibliotecas, primeiro do pai (falecido quando tinha 14 anos) e depois do padrasto, em ambas «devorando» os clássicos. Exemplifica: «Uma vez, durante uma gripe, li os dois volumes das *Confissões*, de Jean-Jacques Rousseau. Nessa altura, felizmente, não havia televisão...». E de escrever, gosta? Que sim, claro, responde Ramos de Almeida. Respondendo da melhor maneira: «Costo muito de escrever porque sempre gostei imenso de ler».

**RODRIGUES DA SILVA**
**JOSÉ CARLOS DIAS CORDEIRO**

# A felicidade da escrita

**SUSANA MARTINS**

**A**utor de várias publicações científicas ao longo de um percurso como médico psiquiatra e professor catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa, onde lecciona Psiquiatria E Saúde Mental, e da Faculdade de Direito, onde coordena a área de Psiquiatria Forense-Medicina Legal, José Carlos Dias Cordeiro lançou em Fevereiro deste ano aquele que é o seu primeiro título fora do espectro técnico, *Viver Feliz* (Bertrand). Um ensaio com uma forte componente de filosofia do pensamento, enriquecido pelo rigor dos conhecimentos científicos, em que o autor propõe uma reflexão transversal sobre a seguinte questão: «porque é que perante as dificuldades da vida, há pessoas que conseguem, apesar de tudo, ter a capacidade interna de lidar com as situações, ultrapassando obstáculos, enquanto outras têm tendência para se deprimir e ficar a *lamber as feridas*?». «No meu dia a dia, não só como médico, vejo pessoas que têm todas as condições intelectuais, sociais e económicas e não se sentem realizadas. Quis mostrar que é possível dar a volta», explica Dias Cordeiro acerca das motivações que o levaram a escrever a obra. Contudo, não se trata de uma «fórmula mágica» ou de alguma «receita culinária», como sublinha: «Não dou respostas, a ideia é que cada pessoa pense por si. No livro, faço um longo debate dialéctico sobre o *pré-determinismo* e o *livre arbítrio* e termino dizendo que há espaço de liberdade para nos reconciliarmos ou não conosco, com os outros e com a vida e ser felizes».

Dirigido a um público alargado, na sequência de uma preocupação social já antes reflectida em publicações como *Os adolescentes por dentro* ou *A saúde mental e a vida* — que, «sendo feitas por um técnico, são acessíveis a educadores, psicólogos e pais» —, *Viver Feliz*, por sua vez, abandona qualquer cariz técnico, para se aproximar definitivamente do leitor comum. «Trata-se mais de uma sabedoria, do que de um conhecimento. Naturalmente, tudo o que é dito tem uma verdade científica, são referências ao conhecimento psicológico actual das pessoas. É como se fosse um avô a contar aos netos histórias que têm conteúdos verdadeiros e veiculam valores importantíssimos», compara. Para cumprir o objectivo, o autor sentiu a necessidade de adoptar um novo estilo literário: «Modifiquei completamente a maneira de escrever. Procurei dar muitos exemplos, pôr as coisas em diálogo, tornando os assuntos mais acessíveis. Todo o livro está feito para a pessoa que me lê, como se eu estivesse a falar com ela». Para melhor chegar aos leitores, Dias Cordeiro vai entremecendo no texto poesia de Vi-


**J. C. DIAS CORDEIRO: MUITAS PESSOAS ME TEM ESCRITO E TELEFONADO E PROCURAM FALAR COMIGO A PROPÓSITO DE *VIVER FELIZ*.**

nicius de Moraes, David Mourão Ferreira, Sophia de Mello Breyner Andresen ou Fernando Pessoa. Enfim, todo um leque de «pensamentos fortíssimos do nosso património artístico e literário». Caso disso é o poema *Mors! Amor*, de Antero de Quental, utilizado para ilustrar os dois instintos de vida mais importantes que caracterizam o ser humano, as pulsões libidinais e as pulsões agressivas. «Todos contemos dentro de nós o amor mais generoso e produtivo e a violência que pode ser mais destrutiva. É no equilíbrio destas forças que se joga a capacidade da pessoa sobreviver, ser ganhadora, sem destruir os outros», refere. Outro dos instrumentos utilizados

«Eu, como tu, quantas vezes Não sei por onde vou. Não sei para onde vou, mas sei que Não vou por aí». Este é, afinal, o primeiro passo desta aprendizagem, definir o que não queremos», conta Dias Cordeiro. E avança: «Acontece com muita frequência uma pessoa projecta-se imenso no futuro e estabelece uma farsquia, mas é evidente que, se esta for inatingível, fá-la-á sempre desgraçadamente infeliz. Por isso, um dos segredos mais importantes é, como dizia o pianista Arthur Schnitke, que também cito no livro: «Eu não espero da vida e das pessoas mais do que elas me podem dar». No final de *Viver Feliz*, o autor volta a recorrer à poesia portuguesa, desta feita, de Manuel Alegre e Zeca Afonso, para construir uma mensagem de esperança: «Há sempre alguém que semeia canções no vento que passa»/ «Vem amigo, amigo vem. Que o vento é teu amigo também».

Quanto à resposta do público ao seu ensaio de estreia, Dias Cordeiro garante não ter do que se queixar: «Muitas pessoas me têm escrito e telefonado e procuram falar comigo. Ainda na sexta-feira passada, recebi uma carta de uma professora do ensino secundário, de uma escola em Tróia-Montes, que leu o livro e considerou-o tão importante que o deu aos alunos para escolherem um ponto qualquer e fazerem um tópico de reflexão. Agora tenho recebido cartas de estudantes com perguntas. É como uma bola de neve», declara, feliz com o *feedback*. Entretanto, no rescaldo da experiência, Dias Cordeiro está já a elaborar um outro livro, com lançamento previsto para o Natal: «Estou muito entusiasmado a escrevê-lo, fala sobre o que se passa nos diálogos entre pessoas dos vários grupos e gerações, sempre numa perspectiva dialéctica, de questionar as coisas, pois só assim é possível encontrar soluções».

**«Modifiquei completamente a maneira de escrever. Procurei dar muitos exemplos, pôr as coisas em diálogo, tornando os assuntos mais acessíveis. Todo o livro está feito para a pessoa que me lê, como se eu estivesse a falar com ela»**

na construção de um discurso acessível em *Viver Feliz*, é o recurso a casos reais, em que o autor, a certa altura, se apoia para estabelecer um curioso diálogo ficcionado. «Um dia, uma mulher disse-me «Eu tenho tudo na vida mas falta-me a alegria e a paixão de viver». Partindo desta afirmação, imaginei que ela se dirigia a José Régio e lhe perguntava: «Diz-me Régio, tu que te reclusas de ter nascido do amor que une Deus e o Diabo e fazes de cada manhã um vendaval de esperança, o que posso eu fazer?». E ele respondeu: responde: